

Artes/Crítica

Por enquanto, só uma sala para a memória teatral

RIO (Sucursal) — O teatro brasileiro já tem memória. Desde o início do mês, quando o Serviço Nacional de Memória do Teatro Brasileiro...

mil pastas do Centro de Memória nas mãos. Essas quinze mil pastas deverão ter seu número aumentado brevemente, tal o número de doações. Desde o dia 7 passado, quando o Centro foi lançado, até agora, quase 60 pessoas já fizeram doações.

Quem imagina o Centro de Memória do Teatro Brasileiro como um monumental engarrafamento, em relação ao nome, pois funciona numa sala apenas, embora tenha uma preciosa, atulhada de arquivos e armários. O que impressiona, no entanto, é a eficiência do serviço, coordenado por Janine Diamante, que trabalha com uma equipe de jovens estudantes de bibliotecologia e de teatro.

“Ainda enfrentamos alguns problemas, em relação às instalações, no que toca à confusão. Muitas vezes, as pessoas não querem doar com medo de que tudo se perca. Para o caso, por exemplo, do jovem ator Nelson Conceição. Mas, quando ele chegou aqui e viu a eficiência do serviço, mudou de ideia e nos deu tudo que tinha guardado das peças em que atuou, até hoje. Ele doou coisas recentes, mas importantes porque não constavam do nosso acervo.”

Nelson Rodrigues parece que ficou com o mesmo medo no início. Tanto que doou poucas peças, mas também já visitou o Centro e avistou que sua doação vai aumentar de volume. Os responsáveis pelo Centro pedem que os paulistas também colaborem e avisam que qualquer doação poderá ser enviada à representação paulista do Serviço Nacional do Teatro, à rua Teodoro Bayma, 94.

Aos colecionadores, uma boa notícia: o Centro de Memória estuda propostas de permuta.

Teatro/Crítica

Vitalidade e humor: é Policarpo no palco

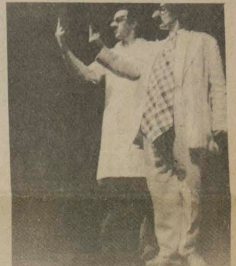
JEFFERSON DEL RIOS

A “Grande Companhia Tragicômica Jaz-O-Coração” honra o nome insolito, irreverente e sonoramente agitado que tem. A insinuação de vitalidade que faz ao se apresentar é confirmada pela realização de “Triste fim de Policarpo Quaresma”, espetáculo criado a partir do romance, de Lima Barreto.

Os responsáveis pela “Jaz-O-Coração” recuperam para o teatro paulista algumas virtudes ativamente ameaçadas de extinção nos palcos locais: juventude criadora, senso crítico colorido e inteligência — por fim — a determinação em manter o elemento teatral como uma experiência estética, política e emocional para além do morno quotidiano pseudo-artístico do teatro comercial.

“Quaresma” — em cartaz no Teatro Igreja — atrece ao público duas horas do humor brasileiro que descende, em linha direta do Oswald de Andrade de “O Rei da Vela”. O diretor e ator Jaz-Ferraz não esconde a influência que recebeu de José Celso Martinez Correia, que encenou a obra de Oswald de Andrade no Teatro Oficina. O impacto desse espetáculo deixaria vestígios posteriores em “O Casamento Pequeno Burguês”, de Brecht, na versão de Luiz Antonio Martinez Correia (irmão de José Celso). Jaz-Ferraz não é, todavia, um mero copilador mas um artista que parece disposto a extrair novos efeitos de uma linguagem cênica que se mostrou eficiente.

“Quaresma” tem o mérito adicional de relembrar uma obra-prima da literatura brasileira e a figura de seu autor, Afonso Henriques Lima Barreto, esse “místico genial”, como o defini corretamente Alceu Amoroso Lima. Trata-se de um livro desafiador na sua inquietação face a uma Brasil mediocremente dirigido por uma elite dominante cínica e violenta. Aborda a corrupção política e as desventuras de convicções perigosamente ingênuas, como o nacionalismo positivista do funcionário público Policarpo Quaresma, que com a volta de língua tupi-guarani e da vida campestre alheias às injunções do poder.



A peça contém a irreverência que descende, em linha reto, de Oswald de Andrade.

O diretor Jaz-Ferraz não conseguiu porém adaptar satisfatoriamente toda a história em termos de dramaturgia fluída. A peça resultante tem certo acúmulo de atos que dificulta o entendimento das intenções do espetáculo. Nota-se, no meio da representação, cenas arrastadas e quase monótonas. O final, ao contrário, é precipitado, deixando pouco nítido o que acontece com o personagem central.

Mesmo assim, o brilho geral da montagem supera essas deficiências ocasionais. O elenco é o responsável pela fachada ao demonstrar, sempre alegria e gosto pelo trabalho, o que é visível, por exemplo, na participação surpreendente de Stela Miranda no papel de uma irresistível melindrosa.

As cores, cenários e figurinos (de Analu Prestes, que também está no elenco) e a trilha sonora combinam impecavelmente com o clima de exagero operístico do espetáculo. E assim temos finalmente um bom momento de teatro vivo, bonito e divertido.

O valor do peculiar, em quatro exposições

IVO ZANINI

Das diversas mostras abertas nas últimas semanas em São Paulo, quatro das exposições pelo menos correm em faixas próprias: os desenhos geométricos de Lethar Charoux (na Global), as composições surrealistas de Vito Campanella (na André), as aquarelas e monopistas figurativas de Geza Heller (na Entreartes) e os desenhos informais de Burle Marx (na Aki).

Nada os aproxima. Sob qualquer ângulo. Antes mostram técnicas e realizações muito características, de certo modo justificando o prestígio alcançado até aqui pelo trabalho do artista. A harmonia e o claro/escuro são outros aspectos positivos na obra de Charoux, que apresenta também alguns trabalhos em pintura, estes menos densos e de menor impacto do que os desenhos.

VITO CAMPANELLA
Tem formação europeia. Italiano de 46 anos, 22 dos quais radicados na América Latina, especialmente na Argentina. Faz pintura surrealista, com sólidas bases clássicas. É um virtuoso nos pormenores. As três dezenas de telas que apresenta na “André” colocam-no na posição de um artista metódico, conhecedor do meio e a procura de novas soluções para o tipo de tendência que segue. Seu surrealismo não agride, antes fica mais próximo do decorativo no bom sentido. Campanella em todos os seus trabalhos parte do vivo e desenvolve a temática com certa originalidade. Isso considerando-se que outros artistas já exploraram (e ainda o fazem) bastante o mesmo filão.

GEZA HELLER
Nas suas aquarelas e monopistas estão o resultado de anos de muito trabalho. Estamos diante de um pintor que tem por ofício pintar. Claro que distante das preocupações ou objetivos da nova geração. Ele é paisagista e extrai dos panoramas a frente o sumo para recriar no papel o que sua imaginação permite.

Os seus quadros na “Entreartes” mostram o mundo envolvente da natureza e sua vibração nas tonalidades de cores. É esse enfoque que dá aos trabalhos do húngaro naturalizado brasileiro Geza Heller um toque irrepresível. A simplicidade das suas composições atorce aos nossos olhos uma pausa, revitalizante, para poder entender, lá fora, a atmosfera polida.

BURLE MARX
Pode ser definido como um marco no paisagismo e na tapeçaria brasileiros. Mas não menos bem situado do que atinge quando se propõe a realizar desenhos. Ocorre que ele é moderado nesta última técnica e assim poucas vezes seus trabalhos puderam ser vistos em conjunto. A rara oportunidade é propiciada agora na “Aki”, em que Burle Marx surge vigorosamente em duas dezenas de exemplares brancos e preto.

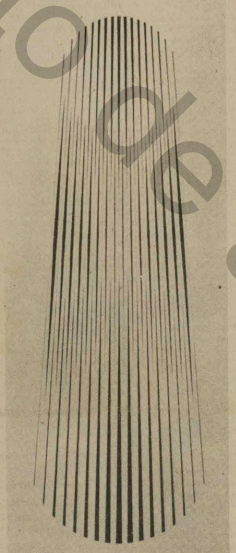
Unificado urbanismo e linhas e formas que se complementam, os desenhos desse criativo artista acima do tudo deixam uma forte impressão de vitalidade. Ele autor, Compõe fácil e atinge um resultado global que chega a surpreender, menos pelo sabido gabarito que há tempos destruiu, que pelas incursões irrepressíveis que consegue atingir nos traços verticais, horizontais e perpendiculares. Um virtuoso no campo das transas simplificadas.

“Casanova”, de Fellini, finalmente liberado

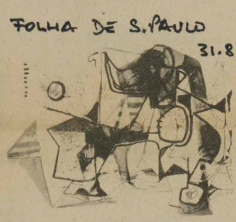
BRASILIA (Sucursal) — O filme “Casanova”, de Fellini, proibido em outubro do ano passado pela Censura Federal, estará em exibição nacionalmente na próxima semana, com cortes, segundo afirmou ontem o diretor do órgão, Rogério Nunes. Segundo ele, o filme foi revisado na Censura durante a última semana, atendendo a recurso impetrado junto ao Departamento de Polícia Federal pelo próprio Fellini. Após o pedido oficial do cineasta italiano, segundo informou Rogério Nunes, o filme foi liberado com cortes, especialmente nas cenas referentes a sexo.



No paisagem, a temática predileta de Geza Heller.



O geométrismo nas obras de Charoux.



Desenho de Roberto Burle Marx, 1978.

“Esfinges”, contos de Francisco dos Santos

“Esfinges” é o livro de estória de Francisco Manoel dos Santos que a Editora Altea publica em sua coleção de Autores Brasileiros. Ainda que falando de morte, solidão, violência e loucura, seus contos encontram um modo de mostrar o lado lúcido desses temas.

A edição (144 páginas, Cr\$ 70,00) é bastante bem cuidada com a capa e ilustrações de Claudio Mirvino. As vastas possibilidades narrativas dos quadros e do pastiche são inteligentemente exploradas na obra. Usando alguns classificados de jornais, o autor formula diálogos interessantes entre os profissionais que os anúncios pedem, por exemplo. O lançamento será feito hoje às 17h30 no Sesc, a rua Dr. Vila Nova, 245.

OS MONSTROS ESTÃO CHEGANDO.

VAI COMEÇAR O 1º FESTIVAL INTERNACIONAL DE JAZZ. 11 a 18 de setembro - Paulistur/Parque Anhembi - Palácio das Convenções - São Paulo. PROGRAMA: 11/9/78 - SEGUNDA - às 21:30 h. Astor Piazzola e Conjunto, Dizzy Gillespie e Quarteto, Benny Carter e Nelson Ayres, University Of Texas At Arlington Jazz Band (1ª colocada no Concurso Universitário dos EUA). 12/9/78 - TERÇA - às 16 h e 21:30 h. Wagner Tiso e Grupo All Jareau e Conjunto, Etta James e Conjunto. 13/9/78 - QUARTA - às 16 h e 21:30 h. Luis Ego Trio, Azzurra e Nivaldo Ornelas, Jazz At The Philharmonic, com. 14/9/78 - QUINTA - às 16 h e 21:30 h. Rauli de Souza, banda e convidado especial: Frank Rosolino, George Dukes e Stan Getz, Milton Nascimento e Grupo. 15/9/78 - SEXTA - às 16 h e 21:30 h. Larry Coryell e Philip Catherine, Paulo Moura, Mauricio Einhorn e Rio Jazz Orchestra, Almirante e Trio, Egoizio Gismondi e Academia de Danças. 16/9/78 - SABADO - às 16 h e 21:30 h. Quarteto de Victor Assis Brasil, Taj Mahal e Grupo Sexteto Stan Getz. 17/9/78 - DOMINGO - às 16 h e 21:30 h. Hermínio Paschoal e Grupo, Chick Corea e Sexteto, destacando Joe Farrell. 18/9/78 - SEGUNDA - às 16 h e 21:30 h. Marcia Montaryos e Grupo Um, Banda de Inovação do Recife, de José Meneses, John McLaughlin e sua Electric Band. COMPRE SEUS INGRESSOS NUMA DESTAS AGÊNCIAS banespa. São Paulo: Aeroporto - Av. Washington Luiz, s/n (Saguão do Aeroporto), Brooklin - R. Joaquim Nabuco, 138, Butantã - Av. Francisco Morato, 365, Central - Praça Antônio Prado, 6, Iguatemi - Av. Brigadeiro Faria Lima, 1364. Paulista - Av. Paulista, 2086 - Centro 3, Pinheiros - R. Teodoro Sampaio, 2258, Santana - R. Voluntários da Pátria, 1638/1644, São Luís - Av. Ipiranga, 353, Vila Mariana - R. Domingos de Moraes, 1471, Rio de Janeiro: Agência Central - Av. Pres. Vargas, 100.

SÃO PAULO RÁDIO FÉLIX VEIUNO. Realização: FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA. SECRETARIA DA CULTURA, CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Governo do Estado de São Paulo Desenvolvimento para Todos.

A GRANDE MÚSICA DO MUNDO EM UM ÚNICO BUAÉ

MAIS INFORMAÇÕES IM: VEJA (13/8), ISTO É (23/8), MANCHETE (16 e 23/8), PLAYBOY (AGOSTO), O PASQUIM (16 e 25/8), MOVIMENTO (21/8) e VERSUS (AGOSTO).

Arranjo sinfônico: Maestro GUERRA PEIXE. DISCO E CASSETTE copacabana 30 Anos 3 grande música do Brasil VOCÊ É BRASILEIRO? NÓS TAMBÉM!